

EDITORIAL

A «*Reflexão*» e o «*Ponto de Vista*», rubricas que introduzimos na Acta Pediátrica Portuguesa, são dedicadas, neste número, à problemática da «*normalidade*» em Pediatria.

A dialéctica sobre a normalidade em Medicina é uma representação cultural.

Kleinman, da Universidade de Harvard, disse recentemente que «ser humano é ser o produto do mecanismo dialéctico que medeia Biologia e Cultura».

Todos os sistemas que tratam do sofrimento e da cura nas grandes culturas, com excepção do sistema biomédico da cultura dita ocidental, incorporam teleologias dedicadas à temática do sofrimento. Nesses constructos, dá-se valor às etiologias transcendentais bem como às terapêuticas que visam a globalidade da pessoa.

Compreender-se-á que a antropologia social e as outras ciências que acreditam na investigação transcultural têm necessariamente de inspirar a Medicina e essa aproximação de certo ainda tornará mais apagadas as fronteiras que o conceito clássico da normalidade nos legou.

A problemática da normalidade poderá aplicar-se a todas as expressões da obra humana, nomeadamente ao que estamos tentando fazer na Acta Pediátrica Portuguesa.

Será «normal» querer uma revista científica algo diferente?

Será «normal» idealizar a nossa revista mais interactiva, mais personalizada, mais cultural?

Gostaríamos de conseguir manter, em cada número, uma «*Reflexão*», um «*Ponto de Vista*», um «*Editorial*», uma rubrica sobre «*Educação Médica Pediátrica*» e, a partir do próximo número gostaríamos de iniciar a rubrica «*Dos Zero aos Três*».

Na rubrica «*Como vai a Pediatria e como vão os Pediatras*», gostaríamos de ter mais notícias especiais, enviadas pelos colegas, mais comentários, mais sugestões.

Publicamos hoje a lista completa do nosso Conselho de Leitura e, em breve, esperamos ter notícias boas sobre a Indexação da Acta Pediátrica Portuguesa.

O Editor que escreve este Editorial acredita dever ser normal fazer aproximar a Acta Pediátrica Portuguesa do ideal da missão que é ser Pediatra, ou seja, mentor das crianças neste mundo.

A normalidade é etérea e, por isso, mutante. É este o destino do Homem.

João Gomes-Pedro